

RUBEM BRAGA

23.9.58

## Cochilo Machadeano

MACHADO DE ASSIS está na moda outra vez, o que sempre é justo. Mas a glória tem seus deleitos, e um deles é se publicar de um escritor morto coisas que ele com certeza não gostaria de ver novamente impressas. Outro é muita gente esmiuçar demais sua obra, e descobrir erros, enganos e cacofônias.

É possível que o romance de Machado mais lido seja o «Dom Casmurro». Não me consta, entretanto, que até agora alguém tivesse reparado numa distração do escritor, no capítulo 73, «O contra-regra». O desenhista e gravador Yllen Kerr foi, entretanto, reler o livro, para fazer ilustrações para um concurso. Releu com atenção, «vendo» a cena que desejava ilustrar. Acontece que o principal fato desse capítulo é a passagem de um cavaleiro pela janela de Capitu, e que Yllen Kerr é muito dado ao hipismo. Leu:

«Assim se explicam a minha estada debaixo da janela de Capitu e a passagem de um cavaleiro, um dandy, como então dizíamos. Montava um belo cavalo alazão, firme na sela, rédea na mão esquerda, a direita à cinta, botas de verniz, figura e postura esbeltas...».

Machado escreve depois mais umas dez linhas fazendo várias considerações, e volta à cena:

«Ora, o dandy do cavalo baio não passou como os outros...».

Aqui já o cavalo deixara de ser alazão para ser baio; ou Machado estava distraído ou ele pensava que as côres eram idênticas. Opinem sobre o assunto os oficiais de cavalaria, que têm essa terminologia fixada oficialmente; na linguagem comum o alazão é mais sobre o vermelho e o baio sobre o amarelo claro. O que parece é que o nosso Bentinho estava mais atento aos olhares que o dandy lançava a Capitu que à cor de seu cavalo...

ETEMB

